

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

Diego Alves Lemos

**QUE ANDAR É ESSE?
REFLEXÕES ACERCA DE UM DESCER**

Santa Maria, RS
2021

Diego Alves Lemos

**QUE ANDAR É ESSE?
REFLEXÕES ACERCA DE UM DESCER**

Monografia, apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Psicologia**

Orientadora Prof. Dra. Jana Gonçalves Zappe

Coorientadora Dr. Amanda Schreiner Pereira

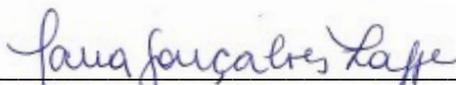
Santa Maria, RS
2021

Diego Alves Lemos

**QUE ANDAR É ESSE?
REFLEXÕES ACERCA DE UM DESCER**

Monografia, apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Psicologia**

Aprovado em 17 de agosto de 2021:



**Jana Gonçalves Zappe, Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**



Luciana Portella Kohlraush, Ma. (ULBRA)



Luís Fernando Lofrano de Oliveira, Dr.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, a professora Vaima Regina Alves Motta, por diversas razões que não cabem nessas páginas, mas marco aqui todo o acolhimento às decisões que me trouxeram ao curso de Psicologia na UFSM, as discussões teóricas e conversas cotidianas sempre acompanhadas do convite ao chimarrão. Ao constante apoio, tanto nos períodos fáceis como nos difíceis, te agradeço. Essas palavras, juntamente com a nossa “foto de toga” foram momentos que almejava lhe proporcionar. As minhas conquistas sempre serão nossas!

À Amanda Schreiner Pereira, minha coorientadora e supervisora local, essa que esteve comigo durante todo o estágio, e que, mesmo me chamando de “chato”, apostou no meu pedido para não trocar de supervisora na passagem de um ano de estágio a outro. O encontro com tua presença e a possibilidade de ter trabalhado parte tão cara a formação que é o momento das práticas foi, sem mais delongas, o período mais importante e construtivo de todos os anos nos quais passei em universidades. Também agradeço imensamente pelas horas que empregou na construção dessa escrita, sempre muito presente nas leituras e em questionamentos frente aos movimentos que o texto tomava. Teus apontamentos, tua escuta e nossas discussões sustentaram não só o texto, mas marcaram o início de meu fazer e são referências para constituição do que será minha clínica. Gracias!

À minha dupla, Hallana, por dividir não só a mesa de trabalho, mas as leituras, os cafés e as paçocas, os sorrisos e os nossos tempos. O imenso carinho e a calma que cultivas com tanta sabedoria foram essenciais para o espaço que decidimos construir e sua presença foi fundamental para a escrita desse texto.

À professora Jana Gonçalves Zappe, por aceitar o convite de orientação desse TCC, mas também por toda a atenção dedicada durante o período de trabalho nas monitorias e nas supervisões acadêmicas.

Ao professor Luís Fernando Lofrano de Oliveira, por aceitar o convite para compor a banca desse trabalho. Mas também por todas as aulas, discussões e conversas em meio ao ambiente universitário que enriqueceram todo esse período de graduação e que com certeza deixaram marcas muito positivas para a sequência dessa caminhada formativa. Foi gratificante ter sido seu aluno.

À Luciana Portella, por igualmente ter aceito o convite para participar da banca desse trabalho, bem como pelos outros espaços compartilhados, nos quais tivemos oportunidade de discutir sobre leituras e seminários sempre de maneira muito cativante.

Ao núcleo de psicanálise da CEIP, Amanda, Marlos, Gabriela, Aline e demais estagiários, por todos os momentos de estudo e aprendizado, de convívios e trocas, que ficaram marcados com muito carinho em minha passagem enquanto graduando e estagiário. A noção de equipe fez muito mais sentido depois de compartilhar o trabalho com vocês.

Ao Eduardo Soares, o "Dadi", amizade de décadas de estrada e que como sempre esteve presente nas idas e vindas até esse momento de conclusão chegar. Nossas conversas quase diárias e a ajuda com o "*como se desenha uma escada?*" tornaram a construção dessa escrita muito mais prazerosa.

À Barbara e ao Guilherme Antes, colegas de curso e amigos que compartilharam esses "nem sempre fáceis e alegres" cinco anos de graduação. A amizade construída ao longo desses anos é parte do que tornou possível a finalização desse momento.

Ao Guilherme Tavares, amigo que "foi cedo demais", agradeço por todos os encontros possíveis durante esses anos, e principalmente pela antiga conversa que ficou para sempre em minha memória, no final de 2012, quando me apoiou com muita força para ir atrás do que eu achava que me faria feliz. Gracias, velhinho!

RESUMO

QUE ANDAR É ESSE? REFLEXÕES ACERCA DE UM DESCER

AUTOR: Diego Alves Lemos
ORIENTADORA: Jana Gonçalves Zappe
COORIENTADORA: Amanda Schreiner Pereira

Esse trabalho toma como suporte a estrutura física de uma escada para tratar da experiência dentro do processo de graduação em um curso de Psicologia com estágio em clínica com ênfase em psicanálise. Desenvolveu-se um ensaio teórico e relato de experiência que, inicialmente, se coloca a discutir a temática “psicanálise e universidade”, adentrando em tópicos referentes à estrutura e ao currículo do curso em questão. Com o suporte de textos como “O infamiliar”, de Sigmund Freud e “O tempo lógico”, de Jacques Lacan, foi possível avançar nos passos de ambas as construções, tanto no texto quanto na escada. As recapitulações de episódios ocorridos durante a graduação do autor deste trabalho, além de revelar um estranhamento frente a estrutura do curso e do prédio, também traz à tona a polissemia do significante “andar”. O encontro desses elementos tornou possível olhar para um percurso de formação que se constituiu a partir de movimentações singulares que ultrapassam a previsão curricular e a passagem cronológica dentre os semestres de graduação.

Palavras-chave: Psicanálise. Universidade. Experiência.

ABSTRACT

WHAT FLOOR IS THIS? REFLECTIONS ABOUT DESCEND

AUTHOR: Diego Alves Lemos
ADVISOR: Jana Gonçalves Zappe
COADVISOR: Amanda Schreiner Pereira

This work takes as support the physical structure of a ladder to deal with the experience within the Psychology graduation's process with clinical internship with emphasis on psychoanalysis. A theoretical essay and experience report were developed that, initially, discusses the theme "psychoanalysis and university" entering into topics related to the structure and curriculum of the course in question. With the support of texts such as *The Unheimlich* by Sigmund Freud and *The Logical Time* by Jacques Lacan, it's possible to advances in the steps of both constructions, both in the text and the ladder. The recapitulations of episodes that took place during the author's graduation course, in addition to revealing an estrangement regarding the structure of the course and the building, also brings out the polysemy of the significant "floor". The encounter of these elements makes it possible to look at an internship path that was constituted from singular movements that go beyond the curricular forecast and the chronological passage between the graduation's semesters.

Keywords: Psychoanalysis. University. Experience.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 SOBRE “ESSA HISTÓRIA ENTRE” PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE.....	9
3 DA ESCADA E DO CURSO	14
4 PLANO LATERAL E SUPERIOR	18
5 UM INTERVALO NO RITMO DO PERCURSO.....	23
6 TEMPOS PARA COMPREENDER.....	32
7 UMA OBRA A CONCLUIR	36
8 CONCLUSÕES	39
9 REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O texto que o leitor tem em mãos consiste em um trabalho de conclusão de curso que visa construir algumas observações sobre o processo de graduação em um curso superior, mais precisamente o de Psicologia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/RS). Com a especificidade de uma graduação que teve como local de estágio o Serviço-Escola no Núcleo de Psicanálise da clínica de estudos e intervenções em psicologia (CEIP). Ao tratar de um processo individual de passagem pela universidade, essa produção se situa em um espaço textual que flerta tanto com elementos de um relato de experiência como outros de um ensaio teórico, muito embora não se atenha a uma definição para além de um *escrito sobre uma experiência*.

O tema do trabalho, psicanálise e universidade, começa a ter contornos inicialmente em uma tentativa de explorar as relações entre esses espaços, que durante os anos de graduação foram se tornando presentes nas leituras e em grande parte das vivências deste estudante que vos fala. E que, entre idas e vindas da sala de aula para o estágio em clínica com ênfase em psicanálise, passou a enxergar um descompasso inicialmente situado entre a própria universidade e a psicanálise.

A respeito do texto, o leitor encontra nele alguns momentos. Inicialmente se põe a observar os elementos que constituem a discussão acerca das possíveis relações entre psicanálise e universidade. Dentre eles estão fragmentos teóricos, algumas alusões históricas, um pouco da experiência do autor e um apanhado de textos e outros autores que servem de base para essa escrita.

Da tensão entre psicanálise e universidade, vista a partir do estudo, vivências e da escrita sobre essa grande temática surge um estranhamento entre as nomeações de aluno e estagiário, que dá possibilidade de movimento ao lugar que visualizo como “a escada”. Uma escada qualquer, dessas do dia a dia que se está acostumado a subir e descer, mas que não se está acostumado a enxergar. Ela era exatamente assim, até que foi olhada. E não deixou mais de sê-lo. Ao visualizar a escada, mais do que isso, enxergo em seu “interior” elementos do ensino do psicanalista Jacques Lacan e do pai da psicanálise Sigmund Freud. Dos semigrupos de Klein ao oito-interior, do infamiliar ao tempo lógico. A escada passa a ser uma edificação que proporciona construir e deslocar a discussão dos momentos teóricos e práticos, das

nomeações aluno e estagiário e dos andares por onde circulam o estudante e sua experiência.

Dessas movimentações surge um outro momento, a ideia do *patamar* e a polissemia do significante andar, que serão abordadas com colaboração de passagens sobre metáfora e metonímia da obra do mesmo psicanalista francês. Além disso, também serve como suporte para a elaboração do assunto, a obra de arte “Ascending and Descending” do artista M.C Escher.

Ao leitor, ainda indico que o trabalho possui algumas passagens nas quais me coloco a pensar o próprio processo de construção e escrita deste texto. Acredito na importância dessas passagens, pois o trabalho de conclusão de curso é tomado aqui como parte da experiência desse processo de transformação, de aluno a estagiário, de estagiário a graduado. Então não será raro ver momentos no quais discorro sobre primeiros rascunhos, títulos e dificuldades com as tentativas de registro dessa e nessa escrita. A forma de escrita também acaba variando entre primeira e terceira pessoa, levando em conta a constituição das ideias em cada momento.

O movimento entre estágio, supervisões e estudos teóricos, possibilitou a visualização dessa escada e desses passos que marcaram a constituição de uma experiência. O que inicia como uma grande temática “psicanálise e universidade”, toma forma no evento cotidiano de transitar pela escada que liga os andares desse curso de graduação. Permitindo assim, explorar tanto o processo de formação em psicologia como também o de experiência de estágio em clínica com ênfase em psicanálise.

Para escrever o trabalho que conclui, vou entre passos e degraus de uma descida, onde o giro de um lance de escada a outro proporciona “des-ser” de um lugar para uma nova nomeação. Psicólogo.

2 SOBRE “ESSA HISTÓRIA ENTRE” PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE

Quando se pensa o desenvolvimento e escrita de uma temática qualquer, nesse caso algo que permeia a relação entre psicanálise e universidade, é preciso que se proponha algum tipo de contextualização histórica de como esse tema chega ao ponto em que está sendo discutido. Ao mesmo tempo que o termo “preciso”, de acordo com o dicionário Michaelis se encaixa no sentido de *necessário* por significar “1.Falta ou insuficiência de alguma coisa necessária ou útil”, também deve, nesse

caso, ser abordado, tal qual no dizer “navegar é preciso” utilizado pelo poeta Fernando Pessoa, como algo *exato, definido*. Esse então, vem como um dos motivos pelo qual o título do primeiro capítulo não se inscreve como “história da” ou somente “História entre”. O título é composto pelo fragmento “Essa”¹, afinal, a história de algo ou de alguma relação não é sempre a mesma, sofrendo com as deformações de quem conta e os efeitos de ser contada. Aponto então para a pergunta: *Que história é essa entre psicanálise e universidade?*

Para tentar responder, olho para a graduação que foi, ao mesmo tempo sustentando algumas movimentações e destituindo outras. Sendo as próprias formas de nomeação, durante esses cinco anos, as provas e cúmplices dessa trajetória e desse percurso. Da passagem entre semestres o que convoca a atenção em princípio, fosse pelo movimento de descrença dos seus saberes, por supostamente não possuírem estatutos suficientemente científicos dentro da academia, ou até pelos argumentos que questionam o porquê da permanência de suas disciplinas no currículo do curso de Psicologia, era de como a psicanálise é tema de tensionamento dentro dos espaços acadêmicos. Cenas essas, que remontam à ideia discutida por Rosa (2001), de que

[...] especialmente nas discussões curriculares das faculdades, que alcançam a Psicanálise, questionando a sua presença e o espaço que pode ou deve ser-lhe tornado disponível nos cursos de Psicologia. Assim, se para a Psicanálise, como campo de estudos, já é problemática sua entrada na Universidade, a Psicologia também coloca objeções a dar espaço ao discurso psicanalítico.” (ROSA, 2001. Não paginado.)

E também colocadas por Angela Vorcaro no livro “*Psicanálise e mal-estar na Universidade*”,

Discordâncias teóricas e desprezo por práticas psicológicas oferecem-se como sectarismo, na medida em que reconhecem seus agentes como oponentes. Por sua vez, a discordância também presente e nem sempre apenas implícita entre distintas “linhas” de psicanálise está sempre voltada para a questão daquela que seria a legítima, fazendo vigorar silenciamento onde só a sistematicidade do debate de agentes das diversas perspectivas dissolveria o mal estar reinante. (VORCARO, 2013, p.42)

Esses pontos, inicialmente, apareciam como dúvida em forma de pergunta nas primeiras aulas como aluno de Psicologia frente à disciplina de introdução à psicanálise: “Qual o problema da relação entre universidade e psicanálise?” e foram apresentados a uma primeira “resposta” já que, desde muito tempo, essa não é uma

¹ O título original continha a palavra “uma” no lugar de “essa”. A ideia desde o início era dar importância para a particularidade que cada trajetória possui, porém com o passar do tempo e de escrita desse trabalho, foi ficando mais as vistas de que, de fato, não era sobre uma história qualquer, mas também essa de quem escreve.

questão nova para a própria psicanálise, - embora fosse para mim -, geralmente iniciada em vários livros, trabalhos, artigos e nessa disciplina pela exposição presente no texto *“Deve-se ensinar psicanálise na universidade?”* no qual Freud discorre sobre as possibilidades de interlocução da psicanálise dentro do ambiente da universidade, mais especificamente o item II, “Quanto às universidades, a questão depende de elas decidirem se estão dispostas a atribuir algum valor à psicanálise na formação de médicos e cientistas”. Ao mesmo tempo em que as leituras avançam o que era dúvida se transformou em um desconforto que acompanha o raciocínio que Nina Virgínia de Araújo Leite (2013), uma autora mais contemporânea sobre essa discussão, apresenta com o seguinte argumento:

A questão crucial a ser colocada em debate tem a ver com a tensão que resulta da inescapável resistência que a psicanálise opõe à universidade e com a resistência que a universidade opõe à psicanálise”. (LEITE (Org) 2013, p.10)

Não comprar de forma completa a objeção da psicologia sobre o discurso psicanalítico, conforme apontado por Rosa (2001), como se já fosse uma resposta e apostar em escutar esse tensionamento colocado por Virgínia, tornou possível desfazer a necessidade de resposta específica à pergunta. Transformá-la, assim, em questão, sinônimo oportuno que deu margem a um “para além da interrogação”, constituindo espaço a outros elementos para abordagem dessa discussão.

Uma estruturação mais consistente e possível de articulação da temática passou-se durante o primeiro ano de estágio na Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), vinculado ao atual programa de extensão Núcleo de Psicanálise, no qual a caminhada de estudos teóricos sobre psicanálise encontra com a prática clínica nessa mesma área.

Conforme escrevo este texto, sou chamado a retornar em lembranças dos anos de graduação, tentando organizar no papel e na cabeça os momentos que entendo como constituintes tanto do texto como dessa passagem presente no posterior artifício da Escada. De todas essas coisas que podem marcar o início de um estágio e o encontro de um estagiário com a clínica, uma das primeiras experiências que me recordo aconteceu durante o início do estágio em 2019, ou seja, meu primeiro semestre de estágio na CEIP no que era, também, minha primeira ou segunda supervisão. Enquanto falava sobre os casos nos quais havia iniciado a escuta (ou que pelo menos havia chamado a comparecer no local de estágio para que a cena de

“estágio em andamento” pudesse existir), escuto eu a seguinte pergunta vinda de minha supervisora, “*O que é mérito da questão?*”.

Ali se marcavam o início de algumas relações. De um acadêmico com uma Técnica em Administrativa em Educação (TAE), de um estagiário com sua supervisora, de uma escuta com outra. Mas a pergunta em questão também mostra outra coisa. A dúvida ali não era sobre o que a paciente falava, ou sobre o que eu havia escutado, era sobre a palavra proferida, *mérito*. Substantivo masculino, que de acordo com as definições do Oxford Languages pode ser “*a questão central numa pendência, ou num conjunto de fatos e provas, que orienta a formação de uma decisão judicial ou administrativa*”.

Aquela palavra inicialmente com pouco sentido no contexto de uma supervisão em clínica que inclusive lembro ter dado um tom curiosamente cômico ao momento, pois o questionamento veio entre algumas risadas de alguém que escutava um estagiário usar repetidas vezes um termo completamente estranho àquele lugar, não era apenas uma incomum escolha lexical. Aquele mérito contava uma história, dava notícias de que antes de chegar no estágio em clínica havia existido ali, um estudante do campo jurídico. E no processo de graduação em Psicologia, existiam ainda notas, rastros, restos de alguém que, em algum dia, quase se formou no curso de Direito.

Esse momento que lembro, no qual fui questionado sobre o significado de uma palavra que outrora era muito comum no meu vocabulário, trouxe à guisa de minhas visualizações uma questão, “que impactos tinham ali os restos de um *estudante* de direito? Que impactos tem a experiência dentro de um processo de graduação?”.

Essa inclusive foi parte do rol de apresentações desse estudante todas as vezes (nas inúmeras rodas de conversa e grupos de estudo que a UFSM pode proporcionar) nas quais foi necessária alguma introdução sobre “quem é você?”. Foi assim até a primeira vez em que me chamei “estagiário da CEIP”. Nessa cena, mais do que presente, mas componente do quarto ano de graduação, situa-se um momento no qual o aluno passa a uma segunda nomeação, a saber, estagiário. Uma vez recebida, não substitui a antiga, mas torna-se par com ela durante esse processo.

Com o passar do tempo enquanto estagiário, alguns textos vistos outrora nas disciplinas sobre psicanálise retornam, agora, a reverberar a partir do início da experiência de estar nesse outro lugar. De Freud, para além do texto sobre universidade, um outro escrito do mesmo ano me convoca, “O infamiliar”. E como colocam Maysa Puccineli e Daniela Chaterlard (2013),

Não por acaso, no mesmo ano em que Freud profere, nesse texto (deve-se ensinar psicanálise na Universidade?), o questionamento do lugar da psicanálise na universidade, publica também um ensaio impactante acerca da estética. Trabalhos que, à primeira vista, tematizam motes absolutamente distintos, mas que, todavia, revelam ressonâncias que ecoam uma inquietante inadequação. (PUCCINELLI; CHATERLARD, 2013, p.209)

Tal inquietação serve de alicerce para pensar sobre o estranhamento resultante da aproximação dos andares e nomeações, tanto quanto do descompasso visto na cena cotidiana de transitar pela escada e andares do prédio no qual ela existe. Vindo das aulas de teoria e clínica psicanalítica e de Jacques Lacan, situo o texto “O tempo lógico e asserção de certeza antecipada” e os estudos sobre o diagrama de Klein presentes do seminário XIV. Páginas que colaboram para pensar os diferentes tempos e deslocamentos existentes entre aluno e estagiário, teoria e prática, dentro do processo de graduação e formação, motes que também aparentemente distintos, reverberam algumas inquietações àqueles que o atravessam. Desses deslocamentos surge a polissemia do significante andar, que para além de predial diz dessas caminhadas e nomeações, que é olhada a partir de noções sobre metáfora e metonímia. De outros momentos do percurso, colaboram para elucubração dessas questões os estudos sobre os quatro discursos e também autores mais contemporâneos, como Angela Vorcaro (2013), Christian Dunker (2017) e Clarissa Metzger (2017).

Os “conceitos” psicanalíticos cessavam de ser vistos como componentes passivos que apenas residiam em algum programa de disciplina universitária (como uma teoria ou algo que se é estudado em sala de aula). Torciam-se agora como outra parte desse conjunto, que ao se deformar, também formava alguma coisa nessa relação.

A pauta “Psicanálise &² Universidade” foi ganhando espaço, a medida em que a busca pelo desenvolvimento dessa questão se interpunha como terceiro que atravessa a dupla. E o tema enfim ganhava corpo, para além do papel, muitas vezes o meu - em horas e tempos de estágio, estudos e seminários – que compuseram minha experiência e essa produção.

² A escrita diferenciada do “e” nesse momento como “&” já marca uma diferença gráfica em como a questão começa a tomar outra forma. Inicialmente não havia notado que a escrita tinha ficado diferente, e no momento de revisão, quando fui ajustar, passei a perceber como aqui já dava notas gráficas disso que retorna, mas que não é sempre igual. Também é interessante notar, como esse “&” aparenta um “caminho”.

3 DA ESCADA E DO CURSO

A construção em questão é possível ser vista no prédio 74B do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), prédio no qual estão localizadas tanto o curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) quanto a CEIP, e tem sua ambiguidade já reverberada pela própria ideia da escada enquanto “uma construção”.

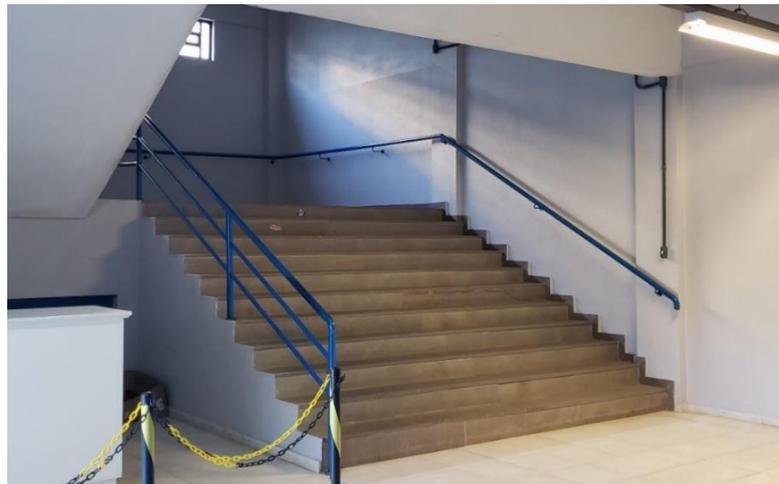


Figura 1: Fotografia primeiro lance de escadas no Hall do prédio 74B.
Fonte: Produzida pelo autor.

Pode ser vista como física, já que uma escada é uma estrutura construída para dar acesso e ligação, mas é também vista como o espaço onde se dá essa própria construção narrativa. Ressalto aqui a importância que Clarice Paulon (2019) dá as palavras de Certeu, o que possibilita sustentar uma discussão sobre um descompasso entre psicanálise e universidade e sobre uma experiência singular em meio a tantas caminhadas que passam por essa escada em questão.

...A psicanálise, localizada no arcabouço das ciências humanas, deve “extrair teorias a partir dos aspectos mais profundos de suas práticas”. O autor [Certeu] ainda afirma que essa possibilidade se dá por meio da compreensão de que os procedimentos narrativos imanentes aos desenvolvimentos teóricos em ciências humanas são necessários e produtores de teoria, e não restos que dever ser excluídos de sua formalização final. (PAULON, 2019, p. 173)

Localizada a escada, trato agora do curso. A graduação em Psicologia na UFSM está organizada dentro de dez semestres durante um mínimo de cinco anos. E

embora o curso esteja dividido em seis eixos³, ele será observado, a título dessa discussão, a partir de dois momentos cronologicamente demarcados em seu andamento: o teórico e o prático. O primeiro momento, chamado teórico, dura um equivalente a três anos, e é onde o aluno acompanha e participa de uma série de disciplinas teóricas, a fim de construir as bases e constituir elementos necessários para o entendimento das diversas teorias e dos variados tipos de afazeres profissionais de um psicólogo(a). Sua sequência se dá por dois anos, nos quais o aluno se dedica quase integralmente aos estágios práticos. O termo “quase” está aqui empregado, porque durante esses últimos anos de graduação ainda restam algumas disciplinas teóricas no currículo a se completarem, além do próprio Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Todo esse processo visa, no final dos cinco anos de graduação, de acordo com o projeto pedagógico do curso (PPC),

Integrar os conteúdos teóricos e as atividades práticas, através dos estágios formativos, beneficiando não somente o egresso através da aquisição de conhecimento, fundamental para sua atuação profissional, mas também, e principalmente, beneficiando a sociedade com a qual interage”. (UFSM, 2009. Não paginado.)

Enquanto o aluno não completa os três primeiros anos de estudo teóricos, que em tese o “habilitariam”⁴ a fazer estágio, o andar térreo funciona como prolongamento do espaço do primeiro andar. Nesse sentido, mesmo que se use a escada, não se troca de “andar” (figura 2).

Ao participar de seminários, eventos e discussões com quem atua na CEIP ou fora dela, o aluno atravessa e ao mesmo tempo é atravessado por aqueles momentos ainda como algo não prático. E por abordar teoricamente essa prática (justamente por estar na prática de ser aluno), exemplos de casos e proposições de intervenções chegam como complemento teórico à própria teoria, tal qual os exemplos vistos no andar das salas de aula. Isso não é caracterizado aqui como um problema, mas sim como um momento a se pontuar para o desenrolar do processo e dos efeitos desse tipo de formação universitária. Uma questão a ser pontuada nesse sentido é o problema do caso das disciplinas de Estágio Básico I e II, que poderiam funcionar

³ Eixos com base no PPC 2009: Fundamentos históricos e epistemológicos; Fundamentos teórico-metodológicos; Investigação científica e a prática profissional; Fenômenos e processos psicológicos; Interfaces com campos afins do conhecimento e Práticas profissionais.

⁴ Existe uma quantidade muito grande de pré-requisitos dentro dos semestres de graduação até que de fato um aluno possa chegar aos estágios dos últimos dois anos de graduação. E embora a ideia seja de criar uma continuidade nessas disciplinas, uma mínima escolha por cursar alguma disciplina “fora de ordem” pode comprometer todos os semestres seguintes.

como um “entremeio” desse processo, mas que, todavia, foram durante alguns anos (inclusive nos meus quando passei por elas) ministradas curiosamente de maneira teórica.

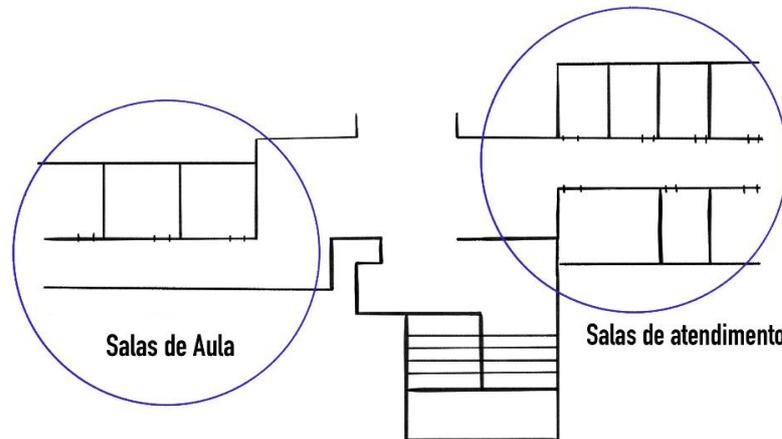


Figura 2: Térreo como prolongamento do primeiro andar
Fonte: Produzido pelo autor.

Nos últimos dois anos, essa específica trajetória (ligada à quantidade de pré-requisitos) toma outro sentido, o de saída da universidade para os campos de estágio. No caso dos estudantes que optem pelo estágio na CEIP, isso se dá de igual maneira, porém como esse local de estágio se localiza no mesmo prédio que o curso, o percurso físico se estreita e passa a se dividir entre subidas ao primeiro andar para a teoria e descidas ao térreo para o andamento das práticas.

Temos então a cena de um aluno que segue uma espécie de “dança”, um repetir de passos que o leva em um “subir e descer” nessa estrutura. Nesse movimento cotidiano, não é comum nos ocorrer ao pensamento que existam etapas nessa locomoção, sendo muito habitual o uso de expressões como “vou ali no primeiro andar” ou “vou descer ao térreo”.

Dessa observação é possível constituir a seguinte imagem que remonta a uma ideia de que a passagem é direta entre o primeiro e térreo. Tal qual vista por um transeunte que, por um motivo ou outro, tome como forma de deslocamento o elevador. Não verá nada na grade de botões entre os andares, assim como é possível não ver nada entre a grade curricular dos semestres (figura 3).

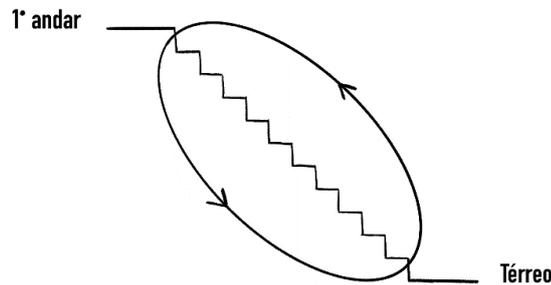


Figura 3: Primeiro andar e térreo ligados de maneira direta
Fonte: Produzido pelo autor.

Embora a ideia desses cinco anos de graduação seja, como coloca o PPC, o de “integrar os conteúdos teóricos e as atividades práticas” é preciso olhar que:

Essa divisão entre ensino teórico, nos primeiros anos, e atendimento com supervisão, nos últimos anos é problemática à Psicanálise, uma vez que traz à tona a presença de uma fissura entre aprendizagem e transmissão. O conteúdo dos cursos, sua profundidade, seu rigor e sua relação com a prática também se colocam em questão. (ROSA,2001. Não paginado)

Parece haver então uma rachadura no processo de formatação acadêmica que resulta em um “psicólogo”, justamente no que o PPC projeta como integralização. E o que antes se compunha como uma cena só, agora toma outra composição. Primeiro andar e térreo, além de deixarem de ser um prolongamento, passam a não se articular (figura 4).

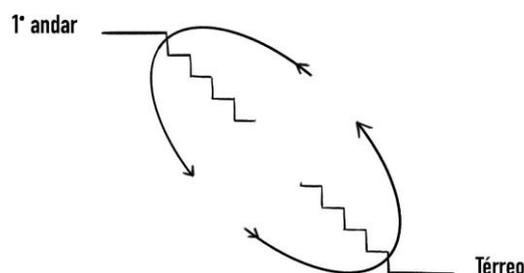


Figura 4: Não articulação dos andares.
Fonte: Produzido pelo autor.

Mesmo que o argumento de Rosa (2000) coloque como problemática à psicanálise a divisão quanto à questão teórico-prática, é possível pensar no contexto de uma instituição universitária, um instante para ver essa interrupção abrupta que

possibilita espaço para a psicanálise dentro desse contexto. Esse lugar de falta na formação acadêmica, onde aqui se faz presente tanto pela tensão entre psicanálise e universidade, quanto pela divisão entre teoria e prática, junto das diversas nomeações como aluno e estagiário, podem se tornar questão a dar conta dessa ruptura da linearidade prevista em um projeto de trajetória acadêmica. Isto sem o intuito de algum tipo de preenchimento ou de instaurar alguma outra linearidade. Mas sim trabalho de sustentação/suporte frente a isso que “faz falta”. Como comenta Ana Hounie (2013)

As zonas de tensão, como Freud bem descreveu nos seus princípios, não são para se eliminar rapidamente – o que seria uma espécie de morte, na zona zero de energia no seu modelo – mesmo que para fazê-las produzir. Manter a tensão não é outra coisa que pensar. (HOUNIE,2013, p.81)

Dado a ideia de que em decorrência da nomeação estagiário se instituirá uma diferença que delimita o que terá sido o primeiro andar, ao mesmo tempo que constitui esse segundo. Em decurso disso se dissolve a ideia de um espaço só prolongado entre primeiro andar e térreo do 74B – comumente chamado “o lugar onde fica a psicologia na UFSM” – faz-se possível a sequência das observações sobre as próximas imagens da escada, sustentando que

Temos uma dupla dimensão da imagem, enquanto sinal que se presta a efeitos de fascinação imaginários e como significante, suportes de uma significação que permite um ensino e uma transmissão. A imagem enquanto simbólica e imaginária. Ou seja, a imagem tem efeitos de ensino, transmissão e de compreensão, mas se fixa impedindo as sutilezas da palavra. (CHAPUIS, 2019, p.37)

4 PLANO LATERAL E SUPERIOR

Para pensar e constituir os desenhos dessa estrutura, entendo que preciso de um suporte das noções de Arquitetura sobre representações gráficas, sendo as plantas e cortes algumas dessas formas de representar uma estrutura durante seu projeto de construção. Corte, de acordo com o dicionário ilustrado de arquitetura é “*1. Representação gráfica de seção vertical feita no edifício ou em parte da edificação.*” Uso dessa definição para chegar ao chamado corte lateral, uma amostra plana, porém vertical da estrutura, que nesta ideia passará ainda por uma simplificação. E embora a planta de um projeto surja antes dos cortes e dos planos, começo-o por ele (o corte)⁵

⁵ Descobri apenas algum tempo depois, enquanto estudava sobre arquitetura, que essa representação vinha de um movimento denominado corte na representação gráfica. O que é amplamente significativo para esse trabalho, pois a ideia de corte em uma linearidade se faz importante nesse desenvolvimento, uma vez que o

pois foi constitutivamente o primeiro lampejo desenhado da visualização da ideia da escada. Ademais, é interessante pelo fato de que a construção dessa escada por não seguir um passo a passo cronológico, não necessita iniciar pela sua planta.

Planta essa que significa “1. *Genericamente, desenho que representa a projeção horizontal de um elemento de construção*” ajuda a constituir o plano superior. Essa definição vem para dar base à visualização que plana, mostrar a escada “de cima”, projeção que também sofrerá uma simplificação. A título de definição, as imagens da figura 5 demonstram a progressão construída até o momento. Seguem inicialmente a indicação do plano em um bloco, na sequência, a indicação na escada e por último sua simplificação:

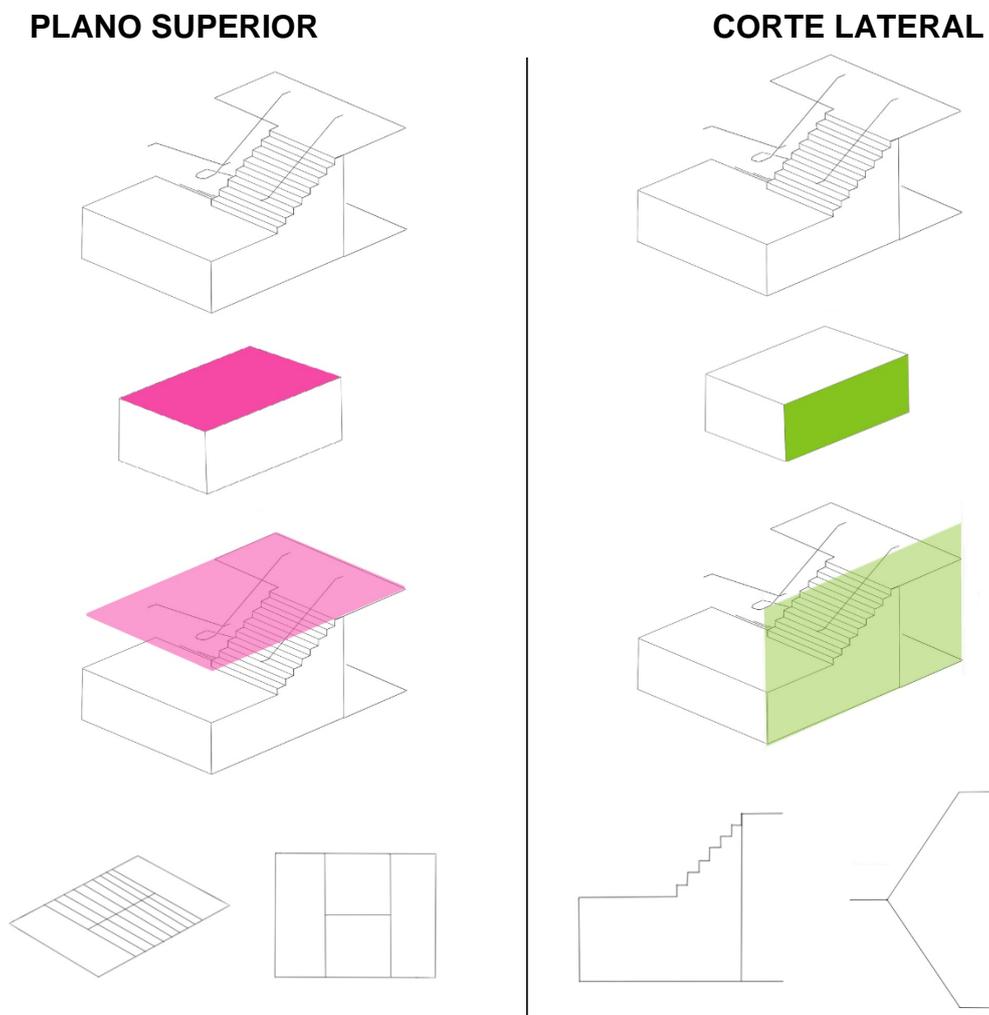


Figura 5 Plante e Corte Lateral da Escada
Fonte: Produzido pelo autor

trabalho também se dá sobre cortes e reentradas tanto na escada, como nos textos e nas recordações desse percurso.

Em dado momento no início do processo de criação, enquanto seguia a observar a escada e o descompasso entre psicanálise e universidade, uma frase um tanto quanto curta e, inicialmente, pouco convincente ficou audível:

“O diagrama de Klein está ali na escada”.

O grupo de Klein (figura 6) é um tetraedro derivado de um trabalho advindo da matemática por Marc Barbut, e que Jacques Lacan (1966-67/2008) se interessa por trabalhar noções relativas à ideia de estrutura.

O diagrama é composto por 4 figuras (círculo branco, quadrado branco, círculo preto e quadrado preto) e 3 operações: inversão, oposição e produto. A operação “oposto” na horizontal, transforma o elemento círculo em quadrado, e o que muda aqui é a forma. Na operação “inverso” na vertical, vemos o círculo branco se tornar preto, tendo assim mudando sua cor. A operação “produto” opera com as duas modificações, tanto forma quanto cor. Assim, o círculo branco se transforma em um quadrado preto.

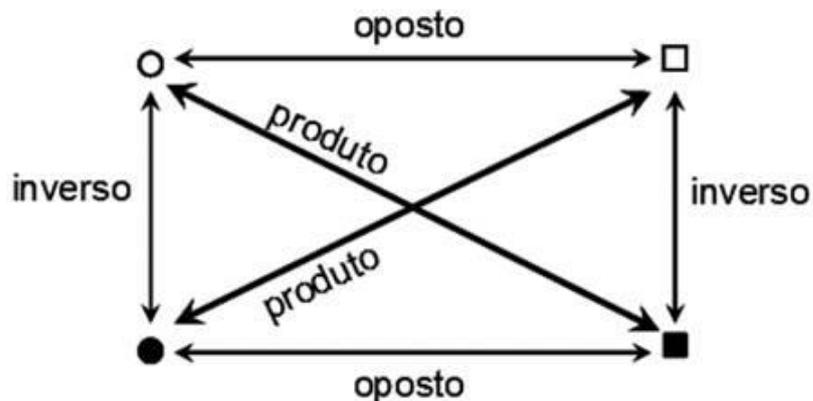


Figura 6: Diagrama de Klein
Fonte: (LIMA, não paginado. 2017.)

Como os vetores vêm e vão, o quadrado de Klein possibilita a involução, ou seja, um elemento pode, por retorno das operações, voltar a ser o mesmo, fazendo com que, por exemplo, um círculo branco, a partir de duas operações, possa voltar a ser um círculo branco. Outra característica importante de se ressaltar é que as mudanças a partir das operações possuem teor qualitativo ao invés de quantitativo. Sendo assim, não possui gradação de um círculo que “vai virando” um quadrado.

Metzger (2017) refere que Lacan trabalha com o grupo de Klein em várias formulações posteriores como por exemplo no esquema L, nos quatro discursos e nos seminários sobre os nós, mas sem seus efeitos involutivos originais. Essa modificação é coerente já que ao olhar para o dispositivo analítico, não se pode voltar ao ponto de partida. Nas palavras da autora

Lacan se interessa pelo quadrângulo de Klein porque, partindo da relação lógica entre os elementos que o compõem, está implicado um percurso que passa por determinados pontos e leva a um produto. Assim, o esquema se prestaria bem à formalização de uma experiência como a que encontramos na lógica da fantasia ou na análise... (METZGER,2017, p. 141)

A partir desse ponto foi se construindo mais do que uma escrita, mas o desenho dessa ideia, que resultou em alguns esquemas. Esses que sustentaram a possibilidade de *tornar questão* elementos da experiência de graduação e da escada a partir do escopo teorizável da psicanálise.

As associações começaram a partir da dificuldade em lidar com o par “psicanálise-universidade”. Desse par pareciam surgir lugares diferentes e, que aproximadas as nomeações aluno/estagiário, configuravam uma série de demandas diferentes a lugares também distintos. Enquanto, por exemplo, em sala de aula se debatia que a transcrição dos atendimentos pudesse ajudar na busca por algo importante que havia sido dito, no local de estágio, surgia um questionamento sobre o valor para o estagiário sobre a tomada de uma nota ou outra durante o atendimento. Entre os pares e movimentos, perguntava-me como funcionava a estrutura de deslocamento pela universidade, passando a olhar para ela a partir dessas possibilidades de movimento dentro do diagrama de Klein. Olhando para escada notei que o degrau no meio dessa estrutura funcionava como algo a mais que um degrau comum, parecia algo que nomeei na época como um “semi-andar”. Por observar que esse espaço tanto ligava os lances de escada como, ao mesmo tempo, parecia ser o degrau inicial e final de cada lance, acabei dividindo-o para tentar observar a relação do aluno-estagiário no espaço universitário teórico-prático (figura 7).

Diniz (2018) comenta em seu artigo que “o valor científico da pesquisa ... se expressa no rigor do/a pesquisador/a que não exclui os obstáculos e as incertezas que aparecem no seu processo de produção de conhecimento” (pg. 120). Lembro dessa passagem pois entendo ter cometido algum tipo de equívoco já que, ao fazer eu mesmo essa divisão no desenho, apenas estava graficamente a demonstrar e reforçar as sentenças sobre a dificuldade de interação que existe nesse tema.

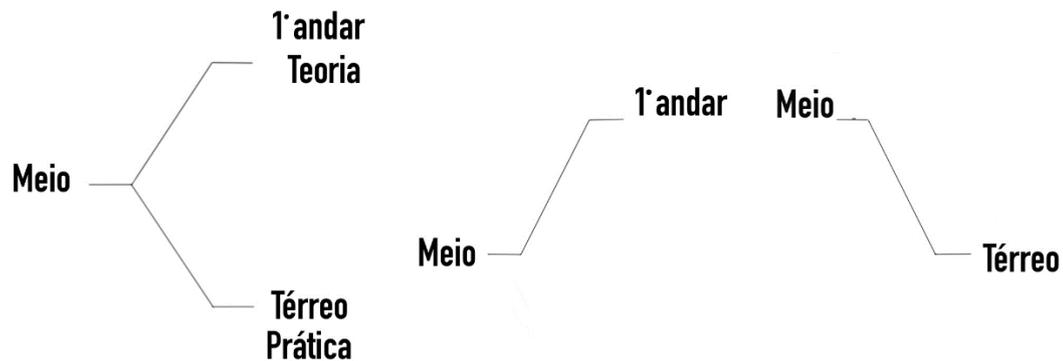


Figura 7: Divisão da escada
Fonte: Produzido pelo autor.

Porém, desse primeiro exercício, surge a dúvida sobre esse novo elemento que compõe essa construção, degrau inicialmente sem nome, mas que com alguma busca sobre projeto de escadas descubro se tratar de um “patamar” (outro conceito arquitetônico). Que de acordo com o dicionário Michaelis de língua portuguesa representa para a grande área da engenharia e da arquitetura, I. *Um espaço mais ou menos largo no topo de uma escada ou de um lance entre escadas.* A necessidade de diferenciar esse espaço dos demais degraus tem a ver com a sua funcionalidade que, como indica Cabo (2013):

[...]são os momentos em que o ritmo dos degraus é interrompido. Isso geralmente acontece quando há uma mudança de direção como nas escadas em “L” ou em forma de “U” [...] Os patamares podem surgir ainda como forma de descanso em escadas muito longas”. (Não paginado)

Servindo como quebra de ritmo e descanso, a figura do patamar também serve como produto (depois que chega no produto não tem como desfazer) entre os lances do primeiro e térreo. O patamar é um recurso interessante pois, além de sustentar um tempo para elaboração dessas questões, também é uma questão em si. Nesse sentido ele serve ao mesmo tempo como ponto de vista⁶ para observar os andares, como produto da forma de aproximação dos mesmos (figura 8), como também é parte física da construção, entendo que o valor dele está para algo que é visto porque existe, mas também só existe porque é visto

⁶ A proposição do patamar em nenhum momento vem a ter a ideia de preenchimento da lacuna gerada pelo descompasso. Uma vez que a própria observação de que algo serve como ponto de vista, faz com que possua também um ponto cego.

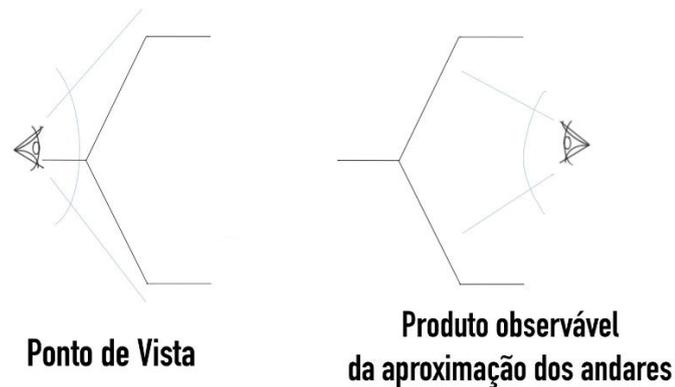


Figura 8: Patamar
Fonte: Produzido pelo autor

5 UM INTERVALO NO RITMO DO PERCURSO

Voltemos à cena daquele estudante que, durante os três primeiros anos, subiu e desceu essa escada e que, agora no quarto ano, fez seu último movimento enquanto somente aluno, porque já é março e “além das águas fechando o verão, o ano letivo começou”. Conforme a imersão no semestre vai se dando, um incômodo começa a aparecer. A primeira pergunta já de cara: “Se as aulas começam em março. Quando começam os estágios?” Datas de início e final presentes no portal de projetos no qual uma mera matrícula foi vinculada como estagiário não dão muitas notícias dessa pergunta, que embora pareça muito simples, dá indícios de que existem mais tempos do que parecem ser visíveis.

A primeira reunião de estágio nos leva a uma pista interessante. Cada estagiário terá horas de supervisão e uma média de pacientes, que deverão ser chamados *no tempo de cada um*. Respondido. Do costumeiro semestre com 16 aulas por disciplina, trabalho, prova e nota, o estagiário só precisa “saber do seu tempo”. No final da reunião, a sensação é de como diz Cartola, “*ir por aí a procurar, rir pra não chorar...*”

Esse fragmento de história serve como demarcador de um momento no qual pouca coisa faz algum sentido. É difícil identificar o que de fato está acontecendo nesse início, e essa sequência de dúvidas sobre estágio e procedimento servem de

cena para uma questão proposta justamente pelo estágio, a de que o estagiário se movimente e construa sua experiência em clínica no seu tempo.⁷

Várias outras descobertas em meio aos atendimentos, supervisões e as poucas horas restantes de disciplinas teóricas vão se dando (e vão cedendo) durante esse processo de entender “qual é o tempo”. O que pode parecer um pouco confuso, pois o tempo do qual me pergunto, já está “ao mesmo tempo” acontecendo e passando. Sobre isso lembro aqui de um recorte de Porge em um escrito de Vorcaro (2013) “faz parte da transmissão da psicanálise refletir sobre a natureza do objeto que se transmite no próprio tempo em que isso se produz.” (p. 39). A palavra transmissão é importante nesse momento pois, no período de estágio, pensar sobre o que se ensina e o que se pode apreender “de” ou “sobre” psicanálise faz questão. Como já dito, no primeiro andar, teoricamente se “aprendia” sobre os conceitos psicanalíticos e sobre “ser” psicólogo. No térreo, já não fica tão fácil discorrer sobre transferência, pulsões, isso ou eu. Sobre ser psicólogo? Talvez muito menos. Mas o incômodo sobre “o que eu faço aqui?” persiste. E o trabalho em pensar isso também.

A dança segue, ora primeiro andar, ora térreo e o que inicialmente parecia muito diferente, passa a gerar um estranhamento que retorna ao patamar. Os andares são parecidos, afinal, o prédio possui uma única estrutura, de uma “caixa” como algumas falas na universidade qualificam os prédios 74, sobretudo as que neles não transitam.



Figura 9: Prédios 74 A, B e C.
Fonte: desconhecido

⁷ Cabe lembrar que, nesse momento, nosso famigerado estagiário ainda não descobriu coisa alguma sobre a escada da qual estamos a discorrer.

Andar por andar, mesmas salas, mesmas cores, mesma disposição. Mas no térreo não ocupo mais as salas de aula, ocupa-se sim, as salas sob as quais no andar de cima são as salas dos professores. No térreo, não se responde mais chamada, mas se chama pacientes a essas salas que agora são de atendimento. Passo a passo esses pequenos detalhes foram criando uma crescente sensação de algum tipo de repetição e de retorno. Mas que a cada volta se apresentava com pequenos elementos de diferença, em alguns momentos captáveis, em outros não.

Lembro de uma passagem de Freud (1919/2020) em o *Infamiliar*,

Como certa vez, em uma quente tarde de verão, quando eu caminhava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana, e acabei numa região cujas características não me deixaram por muito tempo em dúvida. À minha vista, havia apenas mulheres maquiadas nas janelas das pequenas casas, e me apressei para abandonar a estreita rua na primeira esquina. Mas, depois de um tempo em que vaguei sem direção encontrei-me, subitamente, de novo na mesma rua, onde, então, levantei os olhos e chamou-me a atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio. Contudo, então, experimentei um sentimento que eu poderia apenas caracterizar como sendo da ordem do *infamiliar*. (FREUD, 1919 pg. 75)

Recordo dela aqui por conta da expectativa de que, conforme os meses fossem passando, fosse possível se ver mais próximo da saída. Mas a cada volta ficava mais imerso nesse estranhamento quanto ao que é parecido, mas não é; que é próximo, mas ao mesmo tempo distante.

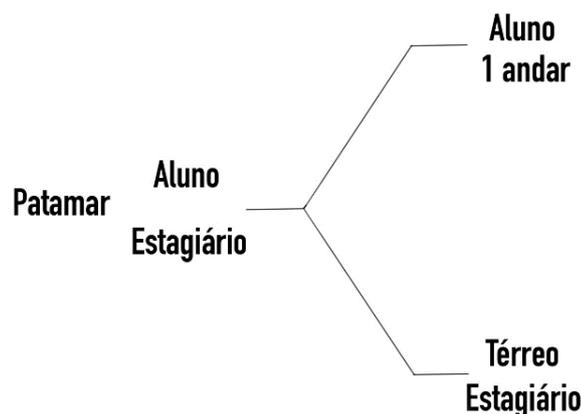


Figura 10: Patamar
Fonte: Produzido pelo autor

Desse lugar, com efeitos de um estranhamento e que me põe às vistas as palavras aluno e estagiário. Esse lugar que estruturalmente chama-se patamar, funcionando como parte do que aproxima os andares e dê tempo para que perguntas

sobre “o que/como fazer?” e, muitas vezes, de “como sair?” sejam postas em movimento.

Seguindo passo a passo, e para poder pensar sobre tempos e formas de respostas, é preciso parar em outro texto, agora de Lacan (1998), a saber “o tempo lógico e asserção de certeza antecipada”. Nesse texto, presente no livro *Escritos*, Lacan (1998), como coloca Dunker (2017)

pensa a extensão das sessões em função do que é realmente dito e do que realmente está se passando naquela relação. O tempo lógico é o tempo que tenta alcançar a inscrição temporal do desejo, a lógica do encontro, a lógica das palavras. (DUNKER, não paginado 2017)

Nele, Lacan (1998) nos apresenta uma situação, a qual chamou de sofisma e que envolve três prisioneiros, cinco discos, sendo eles três brancos e dois pretos, um carcereiro e uma possibilidade de saída. Os prisioneiros são interpelados pelo carcereiro com a seguinte proposta: poderia sair dali o primeiro que descobrisse a cor do disco colocado em suas costas. Desde que não pedissem indicação aos outros dois colegas prisioneiros. Na construção do problema, dois discos ficam de fora do jogo, mas não das possibilidades de raciocínio dos prisioneiros, os quais depois de algum tempo saem juntos apresentando a seguinte conclusão

Sou branco, e eis como sei disso. Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: “Se eu também fosse preto, o outro devendo reconhecer imediatamente que era branco teria saído na mesma hora, logo, não sou preto”. E os dois teriam saído juntos, convencidos de ser branco. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles. Ao que saí porta afora, para dar a conhecer minha conclusão. (LACAN, 1998 p. 198 [199])

A partir daí, Lacan passa a discutir o valor dessa solução e a modulação do tempo no movimento do sofisma, apresentando os três tempos lógicos por ele instituídos, a saber: instante de ver, tempo para compreender e o momento de concluir. O instante de ver está para a primeira possibilidade de solução. Caso o prisioneiro “A” ao olhar seus companheiros, percebesse que ambos possuem círculos pretos em suas costas se daria a sentença, como coloca Lacan “estando diante de dois pretos, sabe-se que é branco”. Essa conclusão imediata se dá pela inexistência de um terceiro círculo preto, tendo o prisioneiro “A” apenas usado os dados do problema.

Quando no processo de estudo, fico às vistas de uma série de autores que falam dos problemas relativos ao encontro entre psicanálise e universidade e, disso apenas indico a existência do próprio problema, desenvolvo apenas algo do nível “sabe-se que”. De maneira muito semelhante, também é possível pensar esse instante

de ver na ideia de que “será uma passagem linear de aluno a estagiário que irá terminar em um psicólogo”. Se existe aqui um lugar, é um lugar de impessoalidade, modulado por esse primeiro tempo.

Durante e até o terceiro ano temos essa, por assim dizer, visão 2D. Uma perspectiva plana onde, como colocado anteriormente, existe o andar de aluno⁸, quando primeiro andar e térreo funcionam apenas como “andar teórico”. No quarto ano surge a nomeação estagiário e esse Velho “novo” lugar, o andar térreo. Lugar onde o agora estagiário se põe a interagir com as práticas em clínica com ênfase em psicanálise. A escada “plana”, agora, passa a ter profundidade e as tentativas de observar as estruturas continuam nesse passo.

Lacan (1966-67/2008), no seminário sobre a lógica do fantasma, faz uso de uma outra demonstração do diagrama de Klein (figura 11) com intuito de demonstrar uma questão específica à estrutura da figura. Mostra em seguida outro desenho (figura 12).

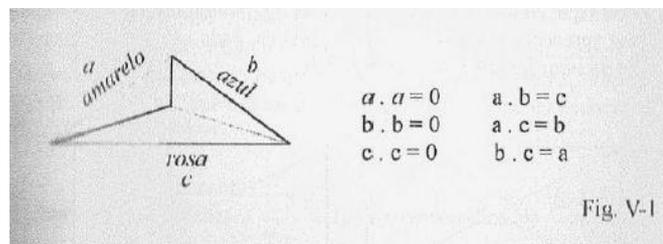


Figura 11

Fonte: (LACAN, 1966-67/2008, pg.89)

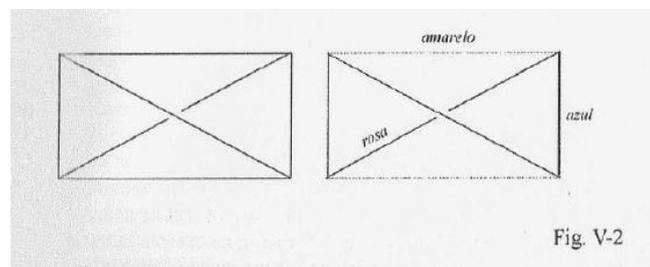


Figura 12

Fonte: (LACAN, 1966-67/2008, pg.90)

Sobre isso o autor mesmo registra:

⁸ De maneira geral, o conjunto de tarefas desenvolvidas durante esses anos teóricos se dá dentro da prática de “ser aluno”.

Observem que essa figura não tem nenhuma diferença daquela que eu lhes descrevi com giz aqui rapidamente, com giz branco e que apresenta igualmente quatro vértices, cada um tendo a propriedade de estar ligado com os outros três. Do ponto de vista da estrutura é exatamente a mesma. (LACAN, 1966/67 2008, p.90)

Uso de um momento para propor uma demonstração sobre como os dois desenhos têm, de acordo com nosso psicanalista francês “a mesma estrutura”. Tomando literalmente essa frase, é necessário que o “ponto médio” do desenho - o qual Lacan argumenta não ter nenhuma especialidade quanto ao resto – seja “levado” até uma das extremidades do que virá a ser o retângulo. Em primeiro lugar, o triângulo é movimentado de posição para que a linha amarela esquerda fique no lado de cima do desenho (em uma perspectiva vertical). Após esse movimento, é necessário então a movimentação do ponto médio, que será deslocado até o canto inferior esquerdo. Assim as linhas amarelas e azuis ficarão em oposição e as rosas cruzadas, formando o segundo desenho (figura 13).

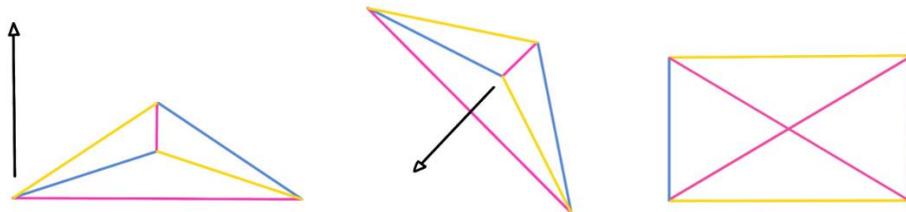


Figura 13: Movimentação do diagrama de Klein
Fonte: Produzido pelo autor

Durante essa passagem Lacan não se questiona quanto à deformidade de elementos gráficos, ou do próprio diagrama⁹, embora para que uma figura se transforme na outra, reservando sua estrutura, é necessário algum tipo de deformação por conta da diferença de tamanho entre elas.

Parto dessa primeira demonstração do diagrama de Klein feita por Lacan, que se mostrava com uma espécie de triângulo, para sobrepor essa imagem em uma imagem da escada, que agora possui volume. Aqui se leva na literalidade a frase de que o diagrama de Klein está na escada, porque tanto a escada comporta os trajetos possíveis de Klein, quanto Klein estrutura os trajetos na escada (figura 14).

⁹Aqui importante notar que será o prolongamento de uma das linhas rosas (produto) que possibilitará a transformação de um desenho em outro a partir de uma mesma estrutura.

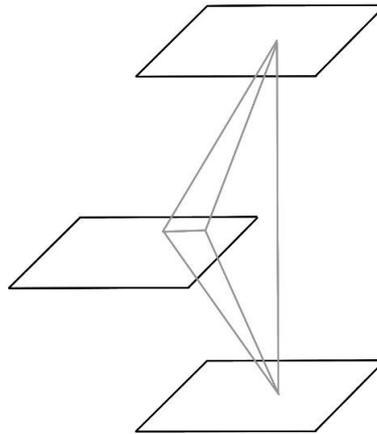


Figura 14: A estrutura de Klein na escada
Fonte: Produzido pelo autor

Quando colocada de forma plana, vejo algumas aproximações, já que ela revela justamente o que pontuo na passagem de Freud sobre o infamiliar, uma estrutura que se repete em seu caminho. Mas, ao mesmo tempo, esse retorno não se dá de maneira estática. Lacan lembra que não se deve trabalhar com a ideia de involutibilidade do diagrama de Klein. Metzger (2017) retoma “a partir de uma transformação ocorrida em um determinado percurso, que gerará um produto, não é possível voltar atrás, ou seja, esse produto não será reversível.” (p. 142). Lacan propõe o uso de dois tetraedros que possuem em suas estruturas vetores unidirecionais, um ponto de partida e um produto. O ponto de chegada de um grafo é o ponto de partida do outro (BRODSKY, 2004) (figura 15).

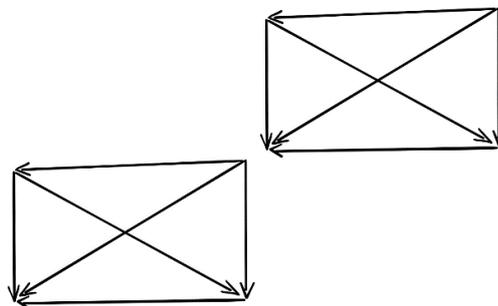


Figura 15: Possível visualização dos tetraedros
Fonte: Produzido pelo autor

Da mesma forma, após ser chamado estagiário, não é possível retornar ao andar do aluno do mesmo jeito que antes. Aqui levanto dois pontos, o primeiro por conta da nova nomeação, que gera uma diferença - ao passo desse estranho duplo

dos andares - o segundo porque o estagiário nunca esteve no andar de aluno, sendo assim não tem como voltar. O aluno por sua vez, retorna ao térreo a partir de uma outra posição. Não tendo como voltar, o que se tem agora é um trajeto que sai do primeiro andar, usa da escada com o patamar para a descida e chega às salas de atendimento do térreo. Ao se instituir um outro andar que não o do aluno e, conseqüentemente, a profundidade da escada que estabelece os andares diferentes, surge um ponto de sobreposição no próprio desenho. O que inicialmente era uma cinta comum, torna-se torcida quando desenhada na escada (figura 16).

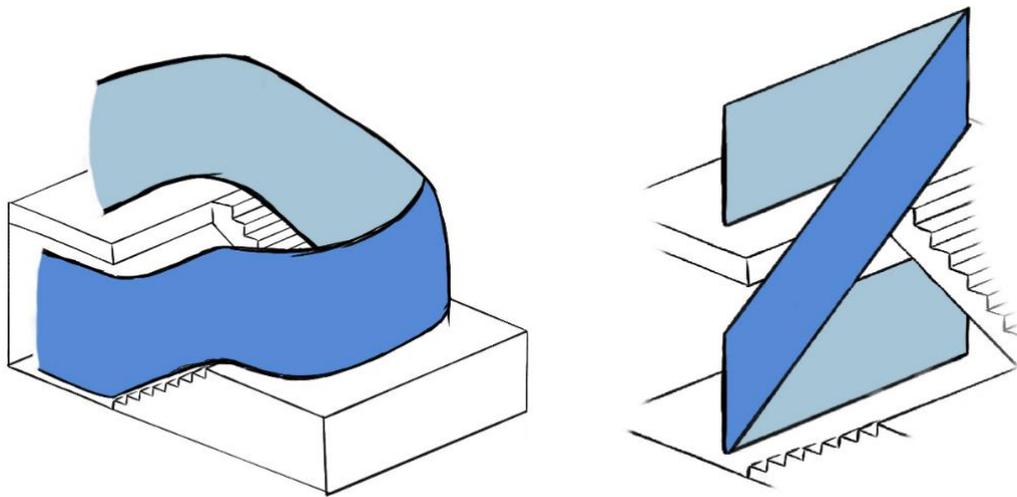


Figura 16
Fonte: Produzido pelo autor

Metzger (2017) aponta sobre a visualização do oito-interior o qual “Se presta bem como suporte topológico da repetição na medida em que indica que, mesmo que queira passar pelo mesmo circuito, este sempre será percorrido com diferença” (p.99) (antes aluno depois estagiário). O que ajuda alicerçar a ideia discutida a partir da impossibilidade de involução no diagrama de Klein. A autora retoma:

Isso vai acontecer porque o arco que se redobra, descrevendo uma curva sobre si mesmo, quando perfaz a segunda volta, deixa uma marca do cruzamento das duas voltas (uma por cima e uma por baixo, é preciso imaginar o oito interior em três dimensões. (METZGER, 2017, p. 99)

Façamos o exercício de visualização (figura 17) do oito interior em duas e três dimensões, além dessa sobreposição “dentro” da estrutura da escada e do prédio:

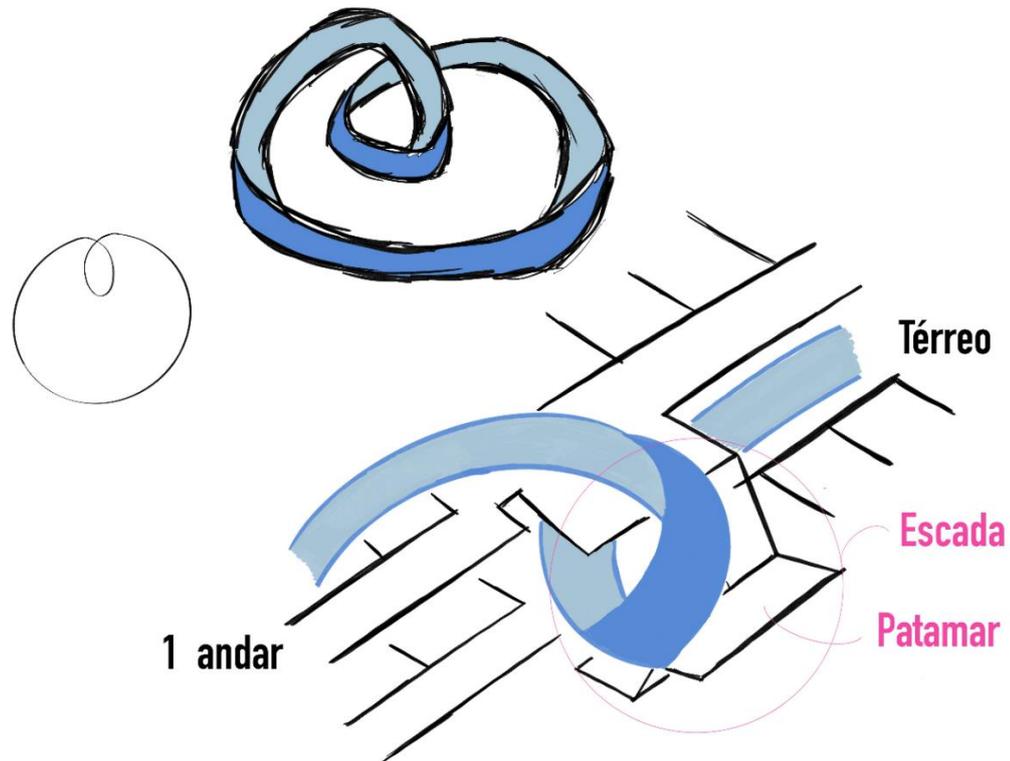


Figura 17
Fonte: Produzido pelo autor

Triska (2013), também falando sobre o oito interior, comenta que

O significante quando repetido ou comparado consigo mesmo (encontro com o Real) deve necessariamente gerar uma diferença, pois seu sentido é suspenso, relativizado, e a produção de um sentido e/ou significado tem lugar... Se falarmos "de/pressão" pode ser psiquiátrica ou pressão hidráulica".

Mais adiante ela comenta que "o círculo 'interno' do oito interior cerca uma falta[...], circunscrevendo e presentificando o que pode ser considerado o objeto a." (p.365). A autora comenta posteriormente sobre Freud dizer que "o sim do paciente não possui valor a menos que novas lembranças ampliem a construção", ou um "nunca pensei nisso antes, ou uma associação" (p.365). E que o "efeito que comprova a justeza da construção é a descontinuidade, efeito de surpresa desalojadora" (p.366).

Seria possível pensar que esse oito interior visualizado na escada cerca isso que falta em um percurso que deixou de ser apenas trajeto. No sentido de que uma formação tenta dar conta daquilo que não tem como apreender, porque sempre falta.

Então as idas e vindas na escada (ou no percurso) tentam produzir algum tipo de borda, algo que cerca isso que não tem como apreender. E ainda nessa questão, a importância da escada e do prédio situada no significante andar, esse que insiste, e que possibilita a descontinuidade da “sequência” do prédio, quando o avanço no percurso se dá em função de uma volta ao térreo.

6 TEMPOS PARA COMPREENDER

A partir desse momento se instaura um outro ponto: a insistência do significante andar e sua decorrente polissemia. Ao chegar nesse significante, a partir de um “tropeço” chistoso durante uma primeira escrita deste que viria a ser o texto, tenho o próprio indicativo de que algo na sequência metonímica com o descompasso, passa a deslizar. Como lembra Rocha e Mamedes (2012) “a origem metonímica, é fundamental para se produzir o fenômeno metafórico [...] A cadeia na qual se produz o fenômeno da metáfora está, quando se trata da metonímia, numa espécie de deslizamento.” (p.5). Em sequência, indica que “Tal função significante não implica apenas em designar uma coisa qualquer, mas sim ir além do ‘significado’ aparente”. (p.6). Na possibilidade enunciada de que “andar” possa ser outra coisa além da função predial como térreo, primeiro ou segundo, reside o intervalo no qual se desenvolve e ao mesmo tempo se desfaz esse trabalho.

Para falar dessa polissemia, retorno ao lugar de estágio, a CEIP, e faço desse primeiro momento um pequeno recordatório que tenta dar materialidade escrita a questão “quais são os andares?”

Era final do primeiro semestre de 2019, e escrevia o primeiro relatório pessoal de final de estágio no qual deveria comentar sobre o que fiz e o que foi importante durante essas primeiras atividades. Do texto, um momento no qual discorria sobre uma questão pessoal referente ao lugar do estagiário frente à relação paciente-psicólogo, gerou um convite para participar da edição seguinte do Boletim de (In)formação, a publicação que a CEIP organiza com escritos produzidos por quem está às voltas da clínica. O que me incomodava, na época, era como atuar em um lugar no qual seguidamente era requisitado, a partir de uma posição da qual ainda não me ocupava por completo, a de psicólogo. Digo isso porque era comum que alguns pacientes tratassem os estagiários pelo nome “psicólogo”, e as discussões em sala de aula ou supervisões locais, geralmente, se movimentavam sobre discutir

teoricamente alguma questão ou sobre o que viria a ser o trabalho do psicólogo. De maneira alguma, essas eram coisas com pouco valor, muito pelo contrário, mas o que ficava para mim era justamente não ser mais requisitado como aluno e não ser ainda psicólogo¹⁰. Em outras passagens de outros relatórios, marco registros como:

“A primeira grande experiência do semestre começou na verdade no período das férias”

(antes do segundo semestre letivo de estágio)

“Foi possível também visualizar os efeitos de uma pausa acadêmica (as férias) em um processo terapêutico.”

“sempre que possível participar da maioria das atividades que o calendário acadêmico permite, e quase sempre estou nos eventos que a própria CEIP promove”.

É possível notar, a partir desses fragmentos, como durante todos os semestres nos quais estagiei na CEIP fiquei às vistas dessa questão de como os movimentos e os tempos são diferentes no andar térreo em relação ao primeiro. Tema que inclusive inicia o escrito que compus para o Boletim¹¹. A seguinte frase “*curioso como os relógios da CEIP não funcionam no mesmo tempo...*” referente aos relógios das salas de atendimento que nunca marcavam o mesmo horário (necessitando contínuos reajustes) em relação aos relógios de fora, propõe inclusive que uma das diferenças entre os andares é o tempo. Brincadeiras à parte, nos relógios da CEIP uma das mãos que dá corda é a dos estagiários. Enquanto no primeiro andar sigo um calendário acadêmico regrado a horas e disciplinas, no andar térreo, muito embora ainda esteja sob o ordenamento institucional, tenho uma outra relação com o tempo, como na citação sobre as férias, nas quais durante alguns meses também segui os atendimentos. Um outro detalhe importante sobre isso ainda, é o de que os processos universitários não ocorrem necessariamente na trajetória cronológica dos semestres, mas também nesse outro tempo que envolve não só uma sequência a ser seguida, mas um percurso de tempo próprio.

¹⁰O lugar de estagiário não funciona nele mesmo. Se referencia pelo que não é aluno e pelo que não é profissional. Aqui também marco que o lugar do estagiário em clínica psicanalítica, não é falado, e ainda está sob uma discussão que questiona o lugar do fazer dele na universidade.

¹¹ Boletim de (In)formação número 15 – A prática clínica em Extensão. Outubro, 2019.

Para o segundo momento, olho para a própria escrita deste trabalho, considerada importante pelo processo no qual foi construído, marcando uma das voltas, um retorno aos elementos que compuseram a formação.

Passo, enquanto escrevo, em momentos que chamaram a atenção e noto outras coisas, outros desenvolvimentos e, nas páginas escritas “palavras por palavra”, ora certezas ora angústias. Fico novamente frente a esses momentos dos anos de curso que parecem tão familiares, mas ao mesmo tempo tão estranhos a quem *agora* escreve *aqui*, coberto por uma sensação de que parece ser eu no que lembro/vejo, mas como Freud na cena do vagão, não me reconheço por completo.

Eu estava sentado sozinho na cabine do vagão-dormitório, quando, sob o efeito de um brusco sobressalto um pouco mais violento que os outros, a porta que levava ao toalete contíguo se abriu e um senhor mais velho, de pijama, com o boné de viagem na cabeça, adentrou minha cabine. Suspeitando de que ele, ao sair do sanitário que se encontrava entre as duas cabines, havia se enganado de direção e, erroneamente, chegado até a minha, dei um pulo, para lhe esclarecer o acontecido, mas logo reconheci, perplexo, que o invasor era a minha própria imagem refletida no espelho da porta intermediária.(FREUD, 1919/2020, p.103)

Ao mesmo tempo em que tento elaborar sobre a ideia de olhar para esses pares que não “fecham” também travo. Sobre isso, é possível dizer que a construção de um texto ou, como nesse caso, a escrita de um TCC, geram momentos de “bloqueio,” e como lembra Meira (2016), “escrever é um processo gerador de grande angústia, pois nos reserva o desconhecimento acerca de muitos aspectos. A folha em branco personifica os sentimentos deflagrados por tudo o que o não saber denota: uma falta, um vazio, um buraco[...]” (p. 65). Mesmo assim cabe ressaltar que a escrita, seja ela qual for, não se dá sem esses momentos. Não somente no sentido de que eles vão existir no processo, mas de que sem eles tampouco existiria alguma escrita. Como também indica a mesma autora mais adiante, ao tratar sobre a ausência frente a folha em branco

tal ausência pode nos levar para dois caminhos, quais sejam o da descoberta – como em um sonho – que foi recalçado e o da paralisia frente ao caos que o começar a escrever nos impõe. É isso que tanto nos angustia como nos impulsiona à escrita.” (MEIRA, 2016, p. 66)

Um texto que produz, como os sonhos, condensações e deslocamentos, entre passagens que tentam dar voz a algo que não se passou “exatamente” nos semestres letivos de graduação. E os cinco anos e dez semestres, recheados de mais dezenas de disciplinas, elencadas em um currículo extremamente fixado pelos chamados “pré-requisitos” – destinos específicos para que se possa avançar de um semestre a outro

- , podem ser escutados justamente a partir das coisas que repetem, das coisas que incomodam.

Ainda sobre a escrita desse texto, remonto aqui outra parte de “o tempo lógico” para ponderar sobre o segundo e o terceiro tempo. A segunda formulação, do tempo para compreender, como diz Lacan “Se eu fosse preto, os dois brancos que estou vendo não tardariam a se reconhecer como sendo brancos” (p.205) no qual como diz, o sujeito objetiva algo mais do que os dados do problema. Aqui uma hesitação que vai depender do tempo do outro, que também fica na inércia, em um *tempo de meditação*. Nesse lugar onde fico às voltas com o reconhecimento do que sou a partir do olhar do outro e do que o outro é. Esse reconhecimento a partir dos pares dentro da instituição, que refletem também como se dá a constituição dessa experiência.

Esse momento, no qual me questiono sobre o que vai além dos dados do problema, situa-se entre períodos de escrita sobre o tema, de encontros com estagiários, supervisores e outros presentes no espaço da clínica.

A importância do patamar se faz aqui presente pois ele reflete no esquema da escada algo de uma questão sobre trajetória e percurso, ao mesmo tempo que dá lugar para observações sobre os andares. Embora o patamar exista na estrutura da escada, não necessariamente é notado. Quando notado, no entanto, demonstra a importância de olhar por onde passa e como se dá esse processo de graduação. Tento diferenciar aqui trajetória de percurso pelo viés de que uma trajetória está mais para o caminho que é preciso percorrer para ir de um ponto ao outro, e percurso para o ato de percorrer, que envolve tanto o caminho, como caminhar e olhar para o que se está fazendo.

O patamar está entre os lances de escada, de certo modo como, isso que está entre os semestres de graduação e que pode ser notado. Esse espaço com valor de tempo, serve para que parte das elaborações presentes nesse texto, além do próprio texto possam se constituir. Ele compõe isso que foram todas as confusões, dúvidas e tentativas de elaboração. Bem como uma das próprias conclusões ou “descobertas” que este texto fez. É um elemento que externo à teoria e à prática, possibilita suporte. O lugar e importância da CEIP nesse percurso, também, ficam visíveis. É esse espaço dentro da instituição e os agentes que nela transitam, que a partir do trabalho com psicanálise e o discurso psicanalítico, sustentam as possibilidades de que isso seja não só estudado mas de fato escutado, e que o processo de estágio não seja proposto por afazeres, mas pelo pensar sobre o que é o fazer do psicólogo(a).

Um lugar que se compõe como um segundo momento na formação sem sequência de conteúdo, sem textos e temáticas previamente especificados. Mas que chama aquilo que na nossa escuta sentimos faltar e que convida aquele que participa, ali, como estagiário a não só compor sua clínica, mas compor o espaço como um todo.

Não serão estritamente os dez semestres cursados de Psicologia que me tornam psicólogo (no máximo graduado em Psicologia)¹², mas será o percurso durante esse tempo na graduação e como constituo e olho para a experiência dentro desse espaço que, em algum momento dos últimos dois anos, constituirá um psicólogo.

Por mais que a construção física de um prédio não comporte uma forma assim, é possível dizer “o térreo terá sido o segundo andar”, e que um percurso dentro dessa estrutura dá condições para que isso aconteça. O trabalho de conclusão vem tal qual o momento de concluir, a fazer como diz o texto “o sujeito, em sua asserção, atinge uma verdade que será submetida à prova da dúvida, mas que não poderia verificar se não atingisse, primeiramente, na certeza” (LACAN, 1998 p206 [207]).

7 UMA OBRA A CONCLUIR

Nos passos de elaboração que concluem esse percurso, preciso por um momento “dar um pulo” em uma outra escada, com certeza muito mais conhecida do que essa da qual vos falo. Está presente (ao mesmo tempo que também é) na obra gráfica “*Ascending and Descending*” (figura 19), uma litografia¹³ produzida em meados de 1960 inspirada nos estudos do matemático Roger Penrose sobre as “formas impossíveis”, pelo artista holandês M. Escher, mesmo autor da banda de Moebius presente na capa do seminário 10 de Jacques Lacan.

Nela observamos transeuntes “presos” em uma escada no topo de um castelo. Transeuntes esses que, a título da elaboração neste trabalho, serão entendidos por um outro viés. Sendo esse, a partir da ideia de que todos aqueles que “sobem e descem” são a representação de um único indivíduo que (re)faz esse trajeto com uma

¹² Vale lembrar como exemplo o curso de Direito, que não forma advogados, mas sim bacharéis em direito. A possibilidade de práticas advocatícias em nome próprio só se dá mediante a um segundo exame, dessa vez frente a uma outra instituição, a saber, a ordem dos advogados do Brasil (OAB).

¹³ De acordo com o dicionário online Oxford Languages “o processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um escrito ou um desenho executado com tinta graxenta sobre uma superfície calcária ou uma placa metálica, ger. de zinco ou alumínio”.

constância de um movimento equiparado ao de um xeque perpétuo do xadrez¹⁴. Escada essa que não leva a “lugar algum”, e como o nome da obra diz, o movimento “ascendente e descendente” faz com que o personagem siga dando voltas nela mesma.

Pelo olhar de quem escreve esse texto, Escher (1960) foi exímio ao construir o desenho, pois não só podemos ver a impossibilidade de saída daquela escada, como também somos apresentados a dois “outros” além daqueles que ficam a transitar no topo do castelo (figura 18).

A segunda pessoa no meio da obra, que “observa” esses transeuntes na escada, e uma terceira na outra escada mais abaixo, que parece aparentemente deslocada da cena que se passa no topo do castelo. Mas que, por uma proposição mais metafórica, faço com que possam ser todos o mesmo, que em tempos diferentes se visualizam em lugares também distintos.

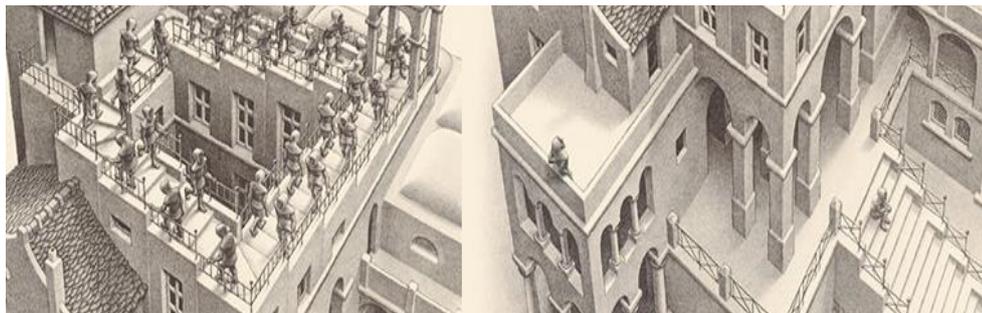


Figura 18: Fragmentos obra “Ascending and Descending” Escher 1960
Fonte: Editado pelo autor com base na obra original

Um indivíduo que em certos momentos fica perdido sem saber como sair de uma escada que aparentemente não tem fim, indo e voltando em tentativas de solucionar o problema desses degraus que ao que tudo indica não acabam. Também é aquele que, em outro momento é capaz de perceber a existência de uma escada que contém mais do que degraus, mais do que algo a resolver e que vislumbra as possibilidades de saída. Assim como também é o que olha a escada terminar, e frente à iminência da saída se põe pensar sobre como descer... des-ser... de-ser.

¹⁴ O *xeque perpétuo* é um momento no xadrez em que a configuração do tabuleiro se dá de tal maneira que um dos jogadores realiza o mesmo movimento de xeque contra seu oponente de forma contínua por não conseguir o “xeque mate” que encerre o jogo. Também não pode movimentar outra peça pois estrategicamente daria a possibilidade de vitória ao oponente.

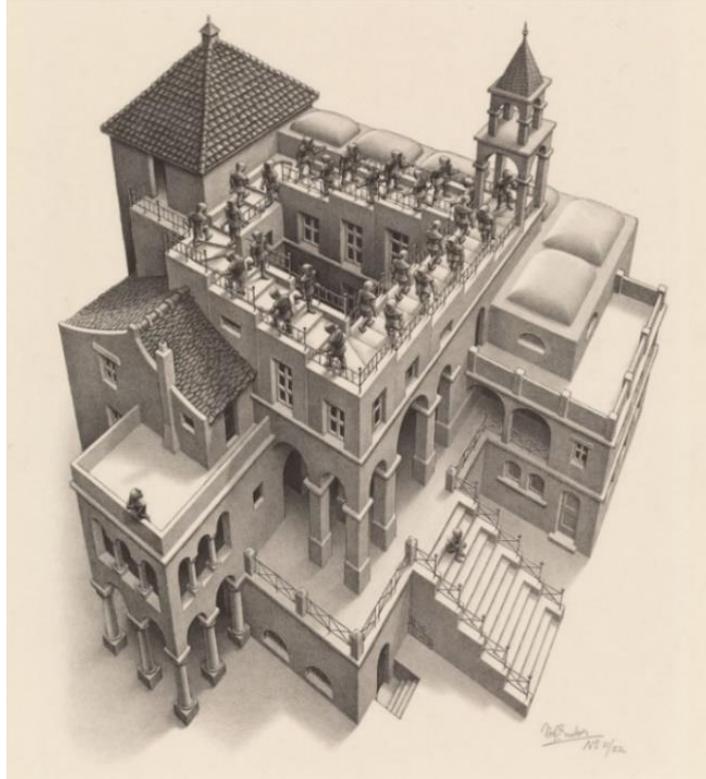


Figura 19: “Ascending and Descending” Escher.1960
Fonte: Acervo digital M.C. Escher

Talvez exista ainda um último indivíduo, esse impossível de se “litografar” na obra, pois não é mais residente dessa escada.

Esse já desceu.

8 CONCLUSÕES

Nesses últimos parágrafos escritos enquanto acadêmico dessa graduação, vai ficando difícil dizer sobre do que de fato se trata a conclusão. Essa, que muito mais do que o término de um texto, carrega consigo também o término de um percurso, iniciado lá atrás em 2016, quando pisei pela primeira vez no curso de Psicologia da UFSM e na escada que tanto mencionei nesse escrito.

Esse texto não tem pretensão de se concluir com uma finalização específica, digna de fórmula e resposta exata. Muito pelo contrário, vem a público justamente para fortalecer a ideia trabalhada nas páginas anteriores, de que mesmo com algum elemento de articulação frente ao real da experiência, como o patamar e seu lugar no processo graduação e de articulação entre psicanálise e universidade, tem-se ainda sim algo que escapa. Um resto inapreensível do que se viveu e que, desde o momento da escrita das letras do título “*conclusões*” e da tentativa de se colocá-lo em palavras nessas páginas, já cedeu. Mas não é por isso que algo não possa ser dito, e acredito que durante todo o trabalho realmente tenha sido.

Sobre psicanálise e universidade, entendo que a decisão por parte das universidades em atribuir algum valor à psicanálise, está ligada justamente à questão de como essas mesmas instituições lidam com o mal-estar proporcionado pela instância do não-saber com a qual a psicanálise se coloca a trabalhar. E que espaços como a CEIP, que é parte dessa instituição universitária, fazem algo desse trabalho de escutar e dar valor - em um sentido de espaço, ou em um sentido de tempo para construção -, a esse mal-estar frente ao não-saber. Seja quando apostam que o estagiário invista algo dele próprio na construção e manutenção do espaço da clínica, ou quando sustentam uma produção a partir do desejo e do incômodo desses que atuam ali, sendo a própria questão proposta nesse trabalho sobre as nomeações aluno-estagiário notas de por onde podem circular esse mal-estar, como também notícias desse processo de investimento.

Sobre a escada e os andares, foi a partir da insistência do significante “andar” que pude escrever como um trajeto que inicialmente era tão estruturado, fixado entre pré-requisitos, disciplinas e semestres, pode se tornar percurso, a partir de um deslocamento da ideia de segundo andar. E ao discutir sobre o que são esses andares de aluno e de estagiário, olhei para o estranho frente à construção, ora do curso, ora do prédio. Se fez possível assim, uma descontinuidade frente a um segundo andar

ser sempre “acima”, e propus que não mais uma trajetória, mas um percurso tenha se dado ao olhar para esse avanço a partir de um retorno, e de um térreo, que terá sido, esse sim, o segundo andar.

REFERÊNCIAS

- ALBERTAZ, M.P.; LIMA, C.M. **Dicionário ilustrado de Arquitetura Volume II**. São Paulo, ProEditores, 1997-1998.
- CHAPUIS, J. **Guia topológico para o aturdido. Um abuso imaginário e seu além**. Traduzido por Paulo Sérgio de Souza Junior. São Paulo: Aller Editora, 2019.
- DINIZ, M. O (a) pesquisador (a), o método clínico, e sua utilização na pesquisa. In **Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita**. FERREIRA, T (Org.). VORCARO, A. (Org). Belo Horizonte, MG: Autêntica editora, 2018.
- DUNKER, C.; PAULON, C. P.; MILÁN-RAMOS, J. G. **Análise Psicanalítica de Discursos: perspectivas lacanianas**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- ESCHER, M. C. **Ascending and Descending**. Mar, 1960. Disponível em <<https://www.escherinhethpaleis.nl/escher-today/ascending-anddescending/?lang=em>>. Acesso em: 13 jan, 2021.
- FREUD, S. **O infamiliar [Das Unheimliche] e outros escritos**. São Paulo, Editora Autêntica, 2020 (1919). p.27-127 (Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud) Tradução Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares.
- FREUD, S. Deve-se ensinar psicanálise na universidade? In **História de uma neurose infantil (“O homem dos Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010 (1919). p. 377-382. (Coleção Obras Completas vol.14). Tradução Paulo César de Souza.
- HOUNIE, A. Psicanálise na Escola e na Universidade: a transmissão nos espaços de fronteiras e o exercício da tradução. In **Psicanálise e mal-estar na universidade**. LEITE, N.V.A. (Org.); GASPARINI, E.N.(Org.); SOUZA, P.S. (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras,2013. p. 81-93.
- LACAN, J. **A lógica do Fantasma**. Seminário 1966-1967. Centro de estudos Freudianos do Recife. 2008.
- LACAN, J. **Escritos**. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Tradução Vera Ribeiro.
- LEITE, N.V.A. (Org.); GASPARINI, E.N.(Org.); SOUZA, P.S. (Org.). **Psicanálise e mal-estar na universidade**. Campinas, SP: Mercado de Letras,2013.
- LIMA, M. O grafo do ato analítico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**. Rio de Janeiro, v.20 n.1 jan/abr 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/agora/a/YNTgMjnzP4gFMZ5BCtG5Rmb/?lang=pt>>. Acesso em: 08 ago.2020.

MEIRA, A.C.S. **A escrita científica no divã. Entre as possibilidades e as dificuldades para com o escrever.** Porto Alegre: Sulina, 2016.

METZGER, C. **A sublimação no ensino de Jacques Lacan. Um tratamento possível do gozo.** São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

PAULON, C.P. Do significante ao discurso: A narrativa como marca da experiência linguageira. In **Análise Lacaniana de Discurso. Subversão e pesquisa crítica.** JUNIOR, L.N. (Org.); DUNKER, C.I.(Org.); CUELLAR, D.P.(Org.).1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

PUCCINELLI, M.; CHATERLARD, D.S.; *Um-heim-lynch*: Universidade, psicanálise e arte. In **Psicanálise e mal-estar na universidade.** LEITE, N.V.A. (Org.); GASPARINI, E.N.(Org.); SOUZA, P.S. (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras,2013. p.209-217.

ROSA, M.D. **Psicanálise na universidade: Considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia.** Dossiê: Psicanálise e Universidade – Psicologia USP 12. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/r995tL4tpqscpdVFh9xPWBG/?lang=pt>>. Acesso em: 16 jul, 2020.

ROCHA, I.M.; MAMEDES R. **Literatura e psicanálise: Uma análise do conto "a carta roubada"**. In: Jornada Nacional do Grupo de estudos Linguísticos do Nordeste, XXIV, 2012. Natal. Anais: GELNE,2012. Disponível em <<http://gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2012/Arquivos/%C3%A1reas%20tem%C3%A1ticas/Literatura/Ina%20-%20LITERATURA%20E%20PSICAN%C3%81LISE.pdf>>. Acesso em: 27 set, 2020.

TRISKA, V. H. D'AGORD M.R. O corte interpretativo em Psicanálise. In **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Vol.29. Out-Dez, 2013. p. 361-367

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Coordenação do curso de Psicologia. **Projeto pedagógico de Curso (PPC-2009).** Santa Maria, 2009.

VORCARO, A. (2013). Psicanálise e Universidade: “qual transmissão?”. In **Psicanálise e mal-estar na universidade.** LEITE, N.V.A. (Org.); GASPARINI, E.N.(Org.); SOUZA, P.S. (Org.). Campinas, SP: Mercado de Letras,2013. p.37-55.